



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

A propósito do 100º aniversário da Revolução Russa

Paulo Alves de Lima Filho

Como citar: LIMA FILHO, P. A. de. A propósito do 100º aniversário da Revolução Russa. *In:* DEO, A.; BATISTA, F. M. (org.). **100 Anos da Revolução Russa:** a transição socialista como atualidade histórica. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 343-366.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-09-5.p343-366>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A PROPÓSITO DO 100º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

Paulo Alves de Lima Filho

1. SOB A ÓPTICA DE MARX: A CRÍTICA DO CAPITAL E A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES

1.1 A TEORIA DA TRANSIÇÃO COMUNISTA EM MARX

Durante toda a vida, Marx manteve-se fiel à luta pela emancipação dos trabalhadores. Levou este propósito às últimas consequências. Sua AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) fracassou, apesar (e devido) dos seus evidentes êxitos. O sectarismo das vanguardas estraçalhou definitivamente o movimento unitário emancipacionista. Decidiu-se, então, por liquidar a AIT com a mesma fundamentação e contundência com que criticou o primeiro programa do recém-fundado Partido Operário Alemão em sua carta aos dirigentes deste, em 1875, posteriormente denominada *Crítica ao Programa de Gotha*, dentre outros motivos por seu autoconfinamento nacional (MARX, 1975).

<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-09-5.p343-366>

No entanto, nesse trabalho, o lema da AIT é ali reafirmado, “a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (MARX, 1975, p. 46); isto vale dizer que nenhum Estado ou partido emancipa os trabalhadores. A emancipação destes ou é obra coletiva destes, na qual se realizam como classe – obra coletiva, voluntária, consciente e organizada – como expressão de sua esmagadora maioria e, conseqüentemente, de seu poder político direto e ditatorial (podendo até ser democrático, a depender das condições históricas concretas) e de sua direta propriedade dos meios de produção, ou então não ocorrerá.

A experiência da Comuna de Paris, curta, porém riquíssima, permitiu a formulação dos traços essenciais de uma teoria da transição comunista. “Entre a sociedade capitalista e a comunista existe um período de transformação revolucionária da primeira na segunda. A esse período corresponde um período de transição política, e o estado desse período não poderá ser nenhum outro a não ser a *ditadura revolucionária do proletariado*.” (MARX, 1975, p. 50). Isso nos diz o Marx maduro, em sua *Crítica ao Programa de Gotha*. Superar o capital, suprimir o reino da mercadoria, transformar os trabalhadores em força revolucionária ativa, através do exercício de sua emancipação política, individual e coletiva, expandindo o reino de sua liberdade no sentido de liquidar a herança da divisão social do trabalho.

As décadas de estudo das mais variadas sociedades e da luta, dos trabalhadores por sua emancipação, até o final de sua vida, da Alemanha à Rússia, da Irlanda à Inglaterra, da Espanha aos EUA, tiveram como objetivo conhecer o estágio relativo da maturidade do movimento internacional dos trabalhadores com vistas à criação do seu futuro movimento unitário mundial. A apreensão da particularidade do desenvolvimento dos vários povos é questão teórica central para Marx, pois vital para se pensar o futuro desse movimento.

O esquecimento e abandono posterior desta, não poderiam deixar de ter conseqüências fatais. Ao lado dela, esqueceu-se também da centralidade do projeto de criação do movimento de emancipação dos trabalhadores. Este duplo esquecimento, então, é definitivamente o Himalaia até agora intransponível para este movimento.

Após a transformação do modelo bipolar alemão em forma universal do movimento, ou seja, Partido social democrático e sindicatos - posteriormente uma tríade, com a adição do partido comunista -, já enterrada a ideia e teoria, porque não, da emancipação dos trabalhadores, o legado de Marx entrou em franca decadência.

A Revolução Russa e sua transição pós Lenin, ao forjar o novo catecismo mundial do materialismo de Marx em sua versão soviética, como teoria marxista-leninista, ao transmutar-se em forma teórica e prática de continuidade da obra de Marx e, sendo aquela revolução considerada modelo mundial de revolução socialista, alterou de vez o legado desse autor no que tange a estas questões, até que o fim da URSS nos permite, hoje, tratarmos desse assunto sem sermos tachados de contrarrevolucionários. O capital enfim realizou sua contrarrevolução e, ironicamente, pelas mãos dos mais fiéis defensores da ordem socialista.

2. A TRANSIÇÃO AO COMUNISMO SE TRANSMUTA EM TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO. LENIN E A TEORIA DA TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO.

2.1 A TRANSIÇÃO COMUNISTA SE TRANSFORMA EM TRANSIÇÃO SOCIALISTA. LENIN APOSTOU NÃO OUSAR ASSALTAR OS CÉUS. MARX FOI TAXATIVO E LENIN INTRODUZ UM DEBATE BIZANTINO: TIRA O SOCIALISMO DA CARTOLA DE MARX. LENIN EM *O ESTADO E A REVOLUÇÃO*.

Ao longo de sua obra *O estado e a revolução*, escrita em outubro de 1917, Lenin formulará os marcos teóricos que deveriam nortear o processo da futura revolução russa. Curiosamente, a experiência da Comuna, fundamento histórico para a formulação teórica de Marx (para além da *A Guerra Civil na França*, de 1871) na sua *Crítica do Programa de Gotha*, não salientará, ali, dois traços essenciais para a transição comunista: o *controle político direto* da comuna sobre a reprodução social no exercício da ditadura do proletariado, assim como a propriedade *direta* dos meios de produção por parte dos trabalhadores, através da Comuna. Tampouco, “o período de transformação revolucionária do primeiro (sociedade capitalista) no segundo (sociedade comunista)” receberá de Marx o nome de *socialismo*.

O período indicado por Marx é nada mais que expressão temporal de um processo de transformação revolucionária de uma forma social capitalista em seu contrário, o comunismo. Pois se estamos a falar de transformação revolucionária, não poderíamos designar uma específica formação social intermediária, dado se estar demolindo sistematicamente o complexo de relações sociais do capital cujos resultados sucessivos, ou seja, o processo de suas transformações sucessivas fundaria o império das necessidades humanas.

Do mesmo modo, o agente social ativo e central dessa transformação seriam as *novas forças produtivas anti-capital*, a classe trabalhadora no exercício de sua ditadura. Desse modo, o período de transição seria o da destruição sistemática do império das necessidades unilaterais do capital e simultânea universalização das necessidades das maiorias trabalhadoras.

O esforço de Lenin em converter a fase histórica enunciada por Marx em forma social “comumente chamada de socialismo e para Marx denominada primeira etapa do comunismo” (LENIN, 1978) em vários momentos ao longo do quinto capítulo, pretende formalmente adequar o conceito de Marx ao seu uso corriqueiro entre os socialdemocratas, os socialistas de então; esforço em sentido contrário ao de Marx, em luta contra as teorias corriqueiras entre os socialdemocratas alemães, em torno do socialismo de Estado.

Para Marx, depois da Comuna de Paris, havia que afirmar teoricamente a experiência histórica do comunismo dos proletários franceses, que dera vida ao esboço traçado no Manifesto Comunista de 1848. O que impressiona ao longo desse capítulo e, em geral nos escritos dessa fase, em Lenin, é a inexistência de concepção de medidas organizativas necessárias para a expansão do campo da emancipação dos trabalhadores, para ampliar o campo de sua liberdade de modo a propiciar o trânsito da emancipação dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores (para além da necessária supressão do analfabetismo e do exercício do poder armado contra a contrarrevolução).

O acento se dará no fomento do cálculo, do controle e da discipli-

na, especialmente a do trabalho. Por fim, já no trabalho *Tarefas imediatas do poder soviético*, de abril de 1918, se agrega às tarefas imediatas do poder dos trabalhadores, submeter obrigatoriamente a classe trabalhadora à *cientificidade do e para o capital* concebida por Taylor. Ao invés de ampliar permanentemente o campo da liberdade dos trabalhadores, o que se propõe como salto qualitativo é o de *submeter-se voluntariamente à degradação taylorista do trabalho assalariado* (BRAVERMAN, 1981).¹

Colocado sobre os ombros da força de trabalho um fardo tão poderoso, é explicável que a etapa socialista sob o capital tenha se perpetuado e revertido, realizando os piores desejos da contrarrevolução e negando as premissas da crítica do próprio Lenin (LENIN, 1978).²

Lenin sabe ou pressente que a Revolução Russa não se medirá pela experiência revolucionária do proletariado francês. No país de Tolstói, Dostoievski e Gogol, podemos inferir, para ele ainda não surgira uma classe trabalhadora como categoria do nível francês ou mesmo alemã. A sorte da revolução repousaria em grande medida nos atributos da vanguarda revolucionária comunista, na qualidade da sua apreensão teórica (na qual, evidentemente, Lenin seria peça central), na sua rapidez e capacidade de disseminação pela vasta Rússia, na inteligência e organização de sua práxis revolucionária, em seu heroísmo na luta pacífica e militar. Nenhum outro segmento revolucionário, naquele momento, possuía tais atributos. Quando, enfim, se impôs a situação revolucionária e foi obrigatório agir com ímpeto e audácia, viu-se que os bolcheviques eram insuperáveis.

Isto em nada justifica a posterior liquidação sistemática de todas as demais organizações revolucionárias. É certo que a urgência e a qualidade da ação política exigida, não obtinham resposta à altura de

¹ Vejamos o que nos diz Braverman (1981, p. 46): “À primeira vista, a organização do trabalho de acordo com tarefas simplificadas, concebido e controlado em outro lugar, exerce claramente um efeito degradador sobre a capacidade técnica do trabalhador.”

² “É importante se esclarecer como é infinitamente mentirosa a suposição burguesa corriqueira de que o socialismo seja algo morto, estagnado, dado de uma vez para sempre, quando de fato somente com o socialismo se inicia um rápido, real e verdadeiramente massivo - com a participação da maioria da população e depois de toda a população -, e atuante movimento para frente em todos os campos da vida social e pessoal.” (LENIN, 1977, p. 31).

todas elas. Contudo, daí a serem contrarrevolucionárias há uma tremenda distância. O certo é que a ala jacobina da revolução eram os bolcheviques e, esta jamais esteve disposta a compartilhar o poder.

Oizerman chama a nossa atenção para a necessidade de se estudar a presença teórica de Sorel nas concepções de Lenin no que concerne ao papel do terror e suas funções na revolução (OIZERMAN, 2005). Ele (o terror) poderia haver substituído a ausência da classe trabalhadora enquanto força autônoma realmente reitora, o que, de fato, ocorreu.

No entanto, esse tipo de repressão era força social impossível de ser desmontada nas condições russas. Foi desse modo que o terror amplo, geral, sistemático, irrestrito e permanente viria também a bloquear a transição comunista, caso esta estivesse teoricamente consolidada na teoria da Revolução Russa. Esse tipo de terror, tal como a universalização do taylorismo como método capitalista de aceleração da produtividade do trabalho, nada tem a ver com a emancipação dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores (embora no imaginário popular a Comuna fosse símbolo de chegada do processo da revolução, como nos fala a canção revolucionária).

Marx, na *Crítica ao Programa de Gotha*, critica duramente a concepção alemã do *socialismo de Estado* e afirma existir somente à frente da revolução a transição comunista e nenhuma etapa específica previamente estabelecida, a não ser o período de transição revolucionária do capitalismo no comunismo. A operação de transmutação da afirmação de Marx na teoria dos alemães é franco desafio à crítica de Marx.

2.2 UMA CONTRADIÇÃO FLAGRANTE. O HOMEM RUSSO SERIA UM MAU TRABALHADOR E NECESSITAVA SER LANÇADO AO FOGO NA FORJA DE TAYLOR. A TEORIA DA TRANSIÇÃO SOCIALISTA NAS *TAREFAS IMEDIATAS DO PODER SOVIÉTICO*.

O trabalho de Lenin, *Tarefas imediatas do Poder Soviético*, enuncia uma teoria da transição ao socialismo que nos coloca diante de questões irresolvíveis na perspectiva da teoria da transição ao comunismo de Marx. A

opção por privilegiar a criação de forças produtivas para o capital, derivada da necessidade imperiosa de aumentar a produtividade do trabalho por meio da universalização do sistema de Taylor, em detrimento daquelas necessárias para a transição comunista, coloca o destino da Revolução Russa sob o império do bloqueio de sua força transitiva operado pelo capital.

A tese da supremacia qualitativa do trabalho assalariado produtivo convertido em autômato mercantil por via da universalização do sistema de Taylor implica em desqualificação teórica e prática do trabalho como expressão voluntária, consciente, coletiva e organizada da produção material e dos trabalhadores em geral, ou seja, em elogio da primazia da alienação do trabalho sobre o trabalho emancipado.

Ora, todo o esforço teórico de Marx na crítica ao capital tem como contrapartida e sentido na necessidade de superá-lo por meio da criação de novas forças produtivas, cuja existência estaria em transformar o mundo da produção e da ação humana, em geral, em meio de subordiná-los às necessidades humanas, inverter a alienação à qual estão submetidas estas forças produtivas e criadoras da humanidade. E para que isso pudesse ocorrer, era necessário que as forças do capital estivessem de tal forma subordinadas aos ditames das necessidades humanas, das maiorias, que fossem assim natural e definitivamente destruídas.

O poder político dos trabalhadores, conquistado através da revolução se realizaria através da evolução na sociedade da propriedade direta dos meios de produção, único meio pelo qual esse poder político da democracia proletária, ou seja, sua ditadura, estaria em condições de subverter as relações de produção e liquidar o Estado que as mantém sob a ditadura do capital.

Ainda mais: poder-se-ia então pensar que, para Lenin, seria impossível transitar ao comunismo sem passar pela moenda do capital, pressuposto educativo questionável para o alcance da liberdade: antes o inferno e, depois, o paraíso, de modo que deus escreveria certo por linhas tortas.

Some-se a isso, como exigência prática supostamente irrecusável, o fato de ser “o homem russo (um) mau trabalhador, comparado aos países

mais avançados” (LENIN, 1977). De onde se depreende que a garapa energética extraída da mercadoria, capacidade de trabalho através do mais rígido e ditatorial controle do trabalho assalariado pelo capital, o sistema de Taylor, seja resultado do processo educativo com vistas à emancipação dos trabalhadores. “Quién te quiere te aporrea”, diz o ditado espanhol, a expressar cruamente, de modo popular, os fundamentos do amor camponês.

Dito de outro modo, para Lenin, por mais paradoxal que pareça, a emancipação dos trabalhadores só poderia, então, ser obra da alienação destes, no que teríamos, portanto, a exigência da alteração do dístico central da AIT, a chamada I Internacional criada por Marx. Variante desta nova teoria da emancipação, a emancipação lenineana dos trabalhadores só poderia ser obra da ditadura do capital. Um absurdo, é lógico.

Mas não, não estamos falando de uma revolução do capital, mas de uma revolução socialista; não se trata somente de uma revolução do capital, como também, e ao mesmo tempo, de uma revolução dos trabalhadores. De um lado, eles serão submetidos à extração de seu suco energético por meio da ditadura do capital à la Taylor, do seu sistema, mas ao mesmo tempo lhes será entregue nada mais nada menos, que a administração do estado: “seis horas de trabalho físico diário para cada cidadão adulto e quatro horas de trabalho para a administração do estado” (LENIN, 1977, p. 90). Ou seja, os escravos do capital dedicar-se-ão simultaneamente à escravização de si mesmos e ao aperfeiçoamento do órgão de controle sobre si mesmos, da sua escravidão.

Conviria indagar, será o mesmo sistema de Taylor usado nos EUA? Resposta:

O que é negativo no sistema de Taylor era o fato de se realizar em situação da escravidão capitalista e ser um meio de extração, com o menor salário, de uma duplicada e triplicada quantidade de trabalho no mesmo número de horas trabalhadas, não contando de modo algum com a capacidade dos trabalhadores assalariados realizarem?, sem dano ao organismo humano, esse número duplicado e triplicado de horas trabalhadas. À República Socialista Soviética se põe a tarefa, que podemos formular brevemente como sendo a de introduzir o sistema de Taylor e o aumento científico americano da produtividade do trabalho em toda a Rússia, unindo esse sistema com a diminuição

da jornada de trabalho com o uso dos novos métodos de produção e organização do trabalho sem qualquer dano para a força de trabalho da população trabalhadora. Ao contrário, a utilização correta pelos próprios trabalhadores, caso eles sejam suficientemente conscientes do sistema de Taylor oferecerá o método mais verdadeiro para a ulterior e imensa diminuição da jornada obrigatória de trabalho para toda a população trabalhadora, oferecerá o meio mais verdadeiro que no período de tempo bem curto, realizar a tarefa capaz de ser enunciada mais ou menos assim: seis horas de trabalho físico diário para cada cidadão adulto e quatro horas de trabalho na administração do estado. (LENIN, 1977, p. 90).

Então ficamos sabendo que não teríamos na Rússia a aplicação do sistema de Taylor usado sob o capitalismo dos EUA, mas este mesmo sistema aclimatado à revolução dos trabalhadores. Substantivas diferenças, para Lenin, seria a) não causar dano físico aos trabalhadores, b) ter como objetivo da redução das horas trabalhadas, c) o que liberaria os escravos do capital para a administração da escravidão do trabalho soviética. O lema conceitual central Marx transformar-se-ia, desse modo, em “A emancipação dos trabalhadores será obra coletiva, consciente, voluntária e organizada dos trabalhadores na alienação dos trabalhadores”. A apreciação sobre Taylor é equivocada.

A revolução dos trabalhadores avançaria por meio da universalização do sistema de Taylor, ou seja, da ditadura do capital – ainda que soviética, pois expressão da essência desse sistema – sobre o trabalho produtivo e trabalhadores em geral, assim como do controle desta ditadura pelos próprios trabalhadores. De outro modo, diria-se que a revolução política dos trabalhadores se realiza através da revolução econômica do capital; o que implicaria afirmarmos que a transição comunista (jamais comentada no texto) enquanto transição socialista se opera por via da ditadura do capital no processo de trabalho e no estado por meio dos próprios trabalhadores.

Como consequência disso:

A transição a tal tipo de sistema exigirá muitas novas habilidades e novas instituições organizacionais. Não há dúvida de que tal transição nos infligirá não poucas dificuldades e que a colocação de tal tarefa causará até mesmo incompreensões e talvez até resistência de alguns setores entre os próprios trabalhadores. Mas podemos estar confiantes de que os elementos avançados da classe dos trabalhadores entenderão a necessidade de tal transição e que as condições de terrível desorganização da economia nacional que agora passaram a ser notadas nas cidades e aldeias, quando milhões de pessoas retornaram do front, afastadas [que estavam] da produção e que pela primeira vez viam o grau de desorganização da economia causada pela guerra, sem dúvida está criado o solo para a preparação da opinião pública dos trabalhadores nesse sentido e que a transição que aproximada e exemplarmente aqui assinalamos será posta como tarefa prática para todos os elementos conscientes das classes trabalhadoras que agora estão do lado do Poder Soviético. (LENIN, 1977, p. 90-91).

Em outras palavras, a situação desesperadora da economia russa, ao exigir opções econômicas e organizacionais imediatas para a sua superação, será um forte estímulo à aceitação da política da ditadura do capital - por meio dos métodos de Taylor – pelas camadas conscientes dos trabalhadores russos.

Entretanto, o desespero não é um bom conselheiro teórico. Esta nova teoria da transição socialista como obra das excelências produtivas da ditadura científica do capital não se relativiza com a proposta da máxima universalização possível do sistema de cooperativas até o limite de criar um sistema nacional abrangente de cooperativas (LENIN, 1977, p. 109). Este sistema conformaria, na teoria analisada, ao lado da nacionalização da terra, das empresas e fábricas, para Lenin, o sistema socialista.

Tal sistema, desse modo, seria uma nova formação social do capital, a sociedade socialista. Ele, assim teorizado, afirma a impossibilidade teórica e histórica de a nova força produtiva potencial emergente com a revolução política dos trabalhadores, por via da universalização da associação voluntária, coletiva, consciente e organizada dos trabalhadores se afirmar na Revolução Russa, na qual a força produtiva do capital seria o motor da revolução política dos trabalhadores. Não é de admirar que a

transição comunista se veja bloqueada e revertida como contrarrevolução do capital, neoliberal, com o fim da URSS.

Compreende-se que ao lado da revolução comunista tenha surgido a necessidade de ser inventada uma revolução socialista (jamais pensada por Marx), uma nova revolução, um novo tipo de sociedade do capital, incapaz, ao longo do século XX, de transitar ao comunismo.

3 SÍNTESE

3.1 GORBY: A BRUXA VEIO COM A MAÇÃ ENVENENADA. A QUESTÃO DOS HERÓIS PROVISÓRIOS DA HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

A relação entre vanguarda e massa tem forte presença em todas as autointituladas revoluções socialistas atuais e do século passado, em sentido qualitativamente distinto daquela observada na Comuna de Paris. Nesta, a classe trabalhadora é o agente central da revolução, na qual as várias organizações dos trabalhadores estão presentes. Ali a classe trabalhadora decide salvar a nação da traição perpetrada pela burguesia francesa e as suas demais aliadas, em primeiro lugar a alemã e seu Estado. À frente dos trabalhadores franceses está o proletariado parisiense. Em certa medida, é este o papel do proletariado de Cochabamba na revolução boliviana, em sua etapa mais recente, que promoveu a “sublevação da água”.

Em geral, nas revoluções socialistas do período indicado, as vanguardas políticas revolucionárias distam enormemente da massa proletária no que respeita ao nível de consciência, organização e experiência de luta. Este hiato, não somente não é superado como se consolida e se cristaliza na práxis do socialismo real, espécie de forma universal dessas experiências. Tal universalização chama a atenção para a possibilidade de a teoria do socialismo real nada mais ser que uma *forma ideológica dessas revoluções*, questão que trataremos em momento oportuno.

Dito de outro modo, a práxis social dessas massas proletárias não esteve concebida ou então determinada pela crescente expansão do controle social consciente, voluntário e organizado dos coletivos de trabalhadores sobre a reprodução social vigente nessas revoluções. A práxis

social desses coletivos não exprime a expansão permanente do campo de sua emancipação, o que vale dizer, não haver sido superada a alienação, antes, porém, consolidada e cristalizada (ainda que de modo irregular e diferenciado em cada uma dessas revoluções).

Os momentos de cristalização mais evidentes se expressam nos campos da política e da economia, de modo a travar nessas revoluções, de modo definitivo, o movimento de emancipação dos trabalhadores nas protegidas fronteiras do capital e da alienação política. Outros momentos da reprodução social estão muito próximos dos respectivos padrões culturais dessas sociedades, de modo a ter-se um variado espectro de variáveis emancipatórias (também não teorizadas). Ou seja, nos campos específicos da economia e política, o Estado controlado absolutamente pela vanguarda política revolucionária mantém a dinâmica da revolução sob seu firme, unilateral e exclusivo comando.

De forma que a qualidade revolucionária dessa vanguarda se torna a pedra de toque da dinâmica, ou seja, do futuro dessas revoluções. De modo que os fundamentos da degradação teórica e, conseqüentemente, política, dessas revoluções serão uma espécie de código genético de seu trânsito rumo à sua extinção.

Ao invés da expressão do movimento de emancipação dos trabalhadores realizado pelos próprios trabalhadores, essas revoluções se realizam por via do movimento de emancipação das vanguardas políticas revolucionárias e seu Estado, processo que acaba por exaurir em medida determinante o potencial do movimento emancipatório dos trabalhadores, dando azo, ao contrário, à expansão e fortalecimento das forças sociais do capital, do movimento de emancipação do capital na sociedade.

Nessas revoluções, ao contrário do que quis fazer supor a ideologia marxista-leninista, se estiola a nível dramático o movimento emancipatório dos trabalhadores, contrabalançado, inevitavelmente, por contrário movimento de alienação, cujo centro é o capital e outras relações sociais pretéritas, tal como a religião ancestral e popular pré-revolucionária e outras formas ideológicas novas ou não.

Entretanto, lá estão na forma ideológica dominante os heróis da revolução consolidados e exaltados como sendo o povo da nação e da classe trabalhadora. Exaltação essa que durará até o último estertor da velha sociedade socialista. Em seguida, logo após o fim desta, desaparecerão da ideologia política os velhos heróis, dando nela guarida à nova exaltação dos novos heróis do capital, toda a gama de eficazes predadores da velha ordem socialista. A ordem socialista cristalizada se despedaçará e dará lugar a uma mixórdia de novas formas ideológicas e seus agentes políticos. Os antigos heróis passarão a ser execrados e humilhados, tachados como os causadores de todas as reais e supostas desgraças promovidas pela ordem anterior (tal como vemos nas duas obras de Svetlana Aleksíevitch, *O fim do homem soviético* (2017a) e *Vozes de Tchernóbil* (2017b)).

Nos cumpre denunciar a perversão existente na relação entre a vanguarda e a massa, não dirimida mesmo com a expansão dessas vanguardas alimentadas com filhos diletos e capazes da classe trabalhadora. À exaltação e consolidação ideológica dos heróis trabalhadores corresponderá em firme e castradora repressão sistemática, permanente, massiva e aleatoriamente distribuída à massa dos trabalhadores, de modo a forjar dois campos sociais aparentemente contraditórios e incomunicáveis, o dos de bem com a ordem e o dos reprimidos. Falsa dualidade paralisante. Na ausência de meios públicos livres para o diálogo entre esses dois campos, forja-se um gueto da parcela supostamente criminosa. Até que na Glasnost a verdade foi se instalando simultânea à maçã envenenada do neoliberalismo como sentido da Perestroika.

Para que serviram, então, os heróis reverenciados na ideologia oficial? Eles fizeram a revolução, lutaram e morreram na Guerra Civil, nas duas Guerras Mundiais, nas frentes de luta pela industrialização, pela abertura de novas fronteiras de expansão da nova civilização industrial, incluída a cósmica, morreram em guerras além-fronteiras para real ou supostamente apoiar os irmãos heróis de outras pátrias, pereceram de fome, frio e doenças ao abraçarem a luta sem quartel por um futuro mais igualitário para todos em tantas partes do mundo, estudaram à luz de velas e adormeceram de cansaço pouco antes de se levantar para um novo dia de trabalho ou de guerra.

Mas os heróis, na teoria oficial, por mais que ao longo das décadas se esforçassem e galgassem novos patamares de prosperidade material de sua sociedade, não estão e jamais foram habilitados para o exercício da propriedade direta dos meios de produção ou da democracia direta nos coletivos de trabalhadores. Supostamente não estariam à altura de tais funções, havendo tantos intelectuais e trabalhadores de outras áreas especialmente treinados para exercer funções tão sensíveis e delicadas, de alta confiança e confidencialidade.

3.2 ASSIM FOI A HISTÓRIA, OS HERÓIS SÃO SEMPRE PROVISÓRIOS

Com estas escusas jamais explicitadas, pois talvez demais escandalosas, bloqueava-se o trânsito ao comunismo, de modo que o poder econômico e político sempre permaneceu em mãos do Estado e do partido de vanguarda da revolução, cuja ideologia justificadora de tal situação passou a se chamar marxismo-leninismo.

Nelas, os heróis estavam no poder e a sociedade se abria para um futuro radioso. O fato é que o controle sobre o capital estacionara nos limites históricos pré-estabelecidos do controle estatal sobre a reprodução social e muito especialmente sobre a reprodução econômica, posta a acumulação de capital a favor do aumento da produtividade e, conseqüentemente, do salário mínimo e médio dos trabalhadores.

Mantida a relação capital como reitora desse processo. A liberdade das forças produtivas emancipadas elevaria a produtividade do trabalho? Estou certo que sim, mas este salto nunca foi tentado. Quando a Perestroika trouxe maior grau de liberdade das forças produtivas, ela não estava concebida para a emancipação do trabalho. Ao contrário, expandiu rapidamente o campo da alienação, lançando à miséria um vasto contingente de proletários e trabalhadores em geral. Desta forma, os heróis foram expulsos do paraíso socialista e retornaram à ancestral situação de párias.

A liquidação do controle estatal sobre o capital instalou em seu lugar o controle capitalista sobre essa relação. A Perestroika ansiava pela maior liberdade para o capital poder elevar sua taxa de exploração,

compreendida esta como ferramenta vital para a acumulação e incremento da produtividade sem a mediação estatal inibidora dos apetites animais do capital. O socialismo real revelou-se um poderoso caldo de cultura capitalista contra suas supostas veleidades comunistas programáticas.

Embora a luta política em torno da maior efetividade dos investimentos de capital corresse solta ao longo dos anos 1960 em diante, até a Perestroika, estava vedada como heresia e destinada à repressão sistemática o debate sobre a transição comunista (FEDORENKO, 1976; KOSLOV, 1977; KRONROD, 1976).

Debater sobre a necessidade de ampliar a produtividade dos investimentos estava presente na ideologia da economia política do socialismo real e a crítica materialista à la Marx dessa ideologia estava, de fato, vedada. De forma que as portas estiveram sempre abertas à crítica pró-capitalista da ideologia oficial (sem que isso se apresentasse de modo explícito); fato conducente ao surgimento de próceres neoliberais em todos os centros acadêmicos soviéticos, em especial nos seus polos supostamente mais avançados, como é o caso, por exemplo, da Universidade de Moscou e de Novossibirki.

A operação de transmutação e hipostasia do materialismo de Marx pela ideologia da economia política do Socialismo Real instalou a perversão no plano teórico-prático da revolução. Ora, se essa ideologia é posta como a única e real ideologia da revolução, continuadora do legado de Marx e transformada em religião de Estado, sua contestação desde o campo Marx era, pois, automaticamente uma heresia contrarrevolucionária. Ela só admitia uma crítica em seus próprios termos enquanto ideologia do capital, ou seja, uma crítica pró-capital e, conseqüentemente, pró-capitalismo. A perversão está em que o pró-capitalismo está posto como se fosse pró-socialismo (e em última análise, no sentido pró-comunista!). De forma que os algozes do comunismo surgem e se firmam na cena histórica como paladinos da liberdade dos trabalhadores e do povo soviético.

De forma que a liberdade de crítica ao ser posta no campo da Economia Política do Socialismo veda automaticamente a Crítica da

Economia Política. O Socialismo Real não ultrapassa este limite ideológico, ou seja, do capital.

Os heróis trabalhadores eram provisórios, assim como tudo o que fizeram eles durante a revolução. Assim que o capital passou ao controle pleno da reprodução social, e o fez com surpreendente rapidez, os heróis foram destronados. Tal como ocorreu nas sociedades absolutistas, quando o capital era ao mesmo tempo estimulado e contido nos seus limites feudais. A perda do controle sobre ele faz desmoronar todo o seu edifício social.

3.3 REVERSÃO BUROCRÁTICA DA REVOLUÇÃO RUSSA

A reversão burocrática da Revolução Russa ocorrerá basicamente por duas razões. Uma e central, é a permanência do capital sob contenção legal estatal. A partir dessa premissa, a forma estatal de seu controle pode se repetir na experiência secular russa czarista.

Outra, o hiato teórico do abandono da teoria da transição comunista de Marx deixou a Revolução Russa sem produção teórica pretérita capaz de influenciar as lutas pelo comunismo, subsequentes à tomada do poder político. Os últimos escritos de Lenin, muito preocupado com a maré montante burocrática já não possuía forma teórica capaz de contê-la e induzi-la a tomar outro caminho. Todo o esforço de Lenin para operar a transmutação da teoria da transição comunista de Marx nos marcos daqueles que viriam a ser os fundamentos do socialismo de Estado russo ao modo alemão já não podia ser desfeito ou teoricamente contestado.

É o capital, a força social que mobiliza o passado e o faz vestir o novo, em nosso caso a revolução pró-comunismo. Não que o passado não assedie permanentemente o presente, seja ele qual for, e o faça vestir seus velhos trajes em um ponto ou outro da reprodução social.

Ao contrário do que supõe, e pontifica em surdina a teoria do socialismo real e seus sábios, o que permite o assalto do passado ao novo e florescente presente das revoluções proletárias é a armadura do capital defendida pela fortaleza estatal governada pelo partido.

Essa armadura a conduzirá inevitavelmente à contrarrevolução capitalista neoliberal assim que as forças vitais da revolução proletária fraquejem, espoliadas e torturadas pelas provações às quais são submetidas em nome de suas reais e únicas verdades.

Afinal, que raios de socialismo foi esse onde os artistas não podem usufruir livremente de seus dons criativos, os trabalhadores não podem decidir livremente sobre o que, como e para quem produzir, o cidadão comum não pode usufruir com segurança as leis do código civil? Que socialismo é esse onde a emancipação não é expressão da vida social das maiorias trabalhadoras, sendo exclusiva propriedade dos funcionários de Estado e, dentre estes, somente os mais graduados? Este socialismo seria uma variante do socialismo de Estado alemão, transfigurado no caldo de cultura da Rússia revolucionária, evoluído até sua máxima expressão teórica, o socialismo real, o socialismo de Estado soviético, a ditadura do capital sovieticamente socializado.

O socialismo real é uma fábrica de alienação dos produtores, da produção e reprodução da vida social. Nele, o artista não pode ser plenamente artista, o cientista plenamente cientista, o cidadão plenamente cidadão, o proletário, isto é, a força de trabalho plenamente força de trabalho. A reprodução social está obrigada a seguir a ditadura ideológica dos funcionários do Estado e partido, de sua práxis.

O socialismo real não é herdeiro do comunismo de Marx, do sentido revolucionário de sua revolução teórica, da possibilidade de uma práxis social emancipatória. O projeto emancipatório concebido por Marx e entrevisto na curta vida da Comuna de Paris pressupõe certa forma de poder político de uma determinada classe social, a comandar a produção material e liberadora da produção intelectual e criadora em geral, sob a forma de ditadura revolucionária (e até democrática) dos trabalhadores a exercer diretamente a propriedade dos meios de produção. Tal como reza o preâmbulo dos estatutos da AIT de 1871, “a emancipação dos trabalhadores somente poderá ser obra dos próprios trabalhadores”.

Decorre daí que, a função vital e fundamental do comunismo de Marx e seu partido seja a luta pela unificação das forças do trabalho

em um movimento para a sua emancipação. Partidos e sindicatos dos trabalhadores sob a influência ou direção dos comunistas, para Marx, tem a missão central, vital, de serem instâncias batalhadoras e partícipes do movimento de emancipação. A unidade política dos trabalhadores sob a forma de movimento, a congregar a sua inevitável, natural e ampla diversidade é o meio insubstituível para a emancipação destes. Os partidos, sindicatos e muito menos os Estados das revoluções proletárias estão predestinados a serem as ferramentas exclusivas e centrais da emancipação dos trabalhadores.

Em grande medida, o abandono e o esquecimento da teoria da transição comunista de Marx, como obra dos próprios trabalhadores, confluem para o fracasso das revoluções socialistas do século XX. A criação do estado bizantino-soviético foi a negação da possibilidade da emancipação dos trabalhadores, emparedados por sua teocracia leiga (HOBSBAWN, 1996).

Ao que nos parece, a urgência absorveu a crítica e a necessidade da liberdade (mesmo aquela nos limites do capital). Às novas forças produtivas se exige alta disciplina, empenho e subordinação plena à perda de liberdade para o capital. É o mesmo que dizer serem os trabalhadores livres para lutar contra todos os seus piores inimigos, morrer nas guerras, sacrificar-se ao máximo, mas simultaneamente exigir-se deles serem disciplinados soldados de seu pior inimigo, o capital, administrado pelo Estado, o partido e seus gerentes tayloristas.

De modo que, estes fundamentos da economia política do socialismo real permanecerão inalterados até o fim da URSS. A força de trabalho não somente não é livre para transformar-se em força produtiva do comunismo como tampouco lhe é permitido enfrentar o capital como o seu outro.

É evidente não estarmos diante de um lapso, mas de uma posição. E sempre assim será desde que a Comuna não fale por si mesma. A Comuna de Paris não realizou as decisões de alguém. Ela pensou e agiu enquanto representante de uma classe, falou por si própria, com voz própria.

Em última instância, esta questão será resolvida pela própria história e, é claro, para além de nossas elucubrações teóricas. No entanto, desde o campo da confluência da história com a história das ideias, temos um compromisso particular com a teoria, desde o materialismo de Marx.

O trabalho teórico a se produzir sobre a emancipação (e livremente) está balizado por dois movimentos autônomos interdependentes: o diálogo com a história e outros pensadores a partir da leitura de Marx (história das durações médias e longas, para nos apropriarmos de conceitos de Braudel) – aquilo que Lucien Sève denomina *pensar com Marx* – e o diálogo com a história do tempo presente (NOIRIEL, 1988). Uma práxis que exige, é óbvio, plena liberdade de ação à produção teórica. Infelizmente, nenhuma dessas duas condições foi estimulada pela teoria do socialismo real, com danos evidentes e irreversíveis para a história mundial da emancipação dos trabalhadores.

Do ponto de vista da teoria, a experiência do socialismo real é bastante rica e explícita. A economia política do socialismo real se reproduziu em todos os países onde ocorreram revoluções populares e proletárias que se declararam socialistas, mesmo naqueles que ousaram escapar às suas determinações (Cuba e Iugoslávia, por exemplo).

E digamos francamente, ao invés de uma transição comunista – cuja teoria hoje se encontra esquecida, tivemos a experiência de criação de uma nova sociedade do capital, a qual, em dado momento, devido à falência das forças do comunismo de Marx, transitaram sim, ao capitalismo propriamente dito.

Assim os super-heróis do socialismo real, os trabalhadores, serão derrotados e transformados em super-párias desse novo capitalismo.

O século XX foi, sem dúvida, o século da transição ao socialismo e da transição desse socialismo ao capitalismo com uma regularidade admirável. Uma transição inimaginável. Seria mesmo?

Quando cheguei a Moscou em 1969, escandalizei-me com uma piada que corria na sociedade soviética. Perguntava-se à Radio Ierevan (capital da Armênia, uma espécie de Itu soviética, onde tudo é maior,

melhor e mais inteligente): “O que é o socialismo? Resposta: O socialismo é o caminho mais longo ao capitalismo.”

O povo soviético já havia matado a charada do socialismo real.

4 ENTÃO, O QUE É O HOMEM SOVIÉTICO NO SOCIALISMO REAL?

Trata-se de um homem para a revolução e não a revolução para o homem. Ele é o “mau trabalhador” que teria que percorrer a estrada do assalariamento na revolução socialista após haver passado pelo corretivo do taylorismo. Tal exigência impõe um sistema de controle de seu desempenho no incremento e manutenção de sua produtividade, ou seja, na produção do valor.

Por mais que ele tenha, individual e coletivamente, se desempenhado à altura das exigências produtivas durante 74 anos de existência da URSS, não conseguiu se realizar como classe em pleno exercício de sua emancipação política.

De fato, não lhe foi permitido alçar-se à plenitude da emancipação política. Ele serviu à Revolução Russa e às revoluções assemelhadas. Ao tentar optar pela transição à emancipação política, os trabalhadores das outras revoluções foram universalmente e duramente reprimidos.

5 A GUERRA IDEOLÓGICA CAMUFLADA E O TRÂNSITO DE UMA FORMAÇÃO SOCIAL A OUTRA

Podemos concluir que os trabalhadores soviéticos eram uma tropa a serviço da Revolução Russa, de seus objetivos estratégicos. Como tropa, não lhe era permitido comandar a transição para além do socialismo real, rumo ao comunismo. Era serva da revolução e do capital.

A Perestroika se propunha emancipar o capital em troca da Glasnost: era a conquista da plena emancipação política sob o capital pela via da eficiência microeconômica que inevitavelmente, a seu ver, transformaria a eficiência social, promovendo uma contrarrevolução neoliberal, contrarrevolução do capital.

Chegava assim ao término, a longa guerra entre o partido da eficiência microeconômica contra o partido da eficiência social, entre o pró-capitalismo e o pró-socialismo, entre os gerentes e os planejadores, entre as teorias gerenciais e a teoria do planejamento socialista. Esta guerra era a forma teórica histórica do enfrentamento entre a contrarrevolução capitalista e a Revolução Russa do socialismo real. Até que a contrarrevolução capitalista uma após outra, conquista postos chave na hierarquia do Estado e do partido e abraça abertamente o neoliberalismo e a transição capitalista deslanchará em conluio direto com, e desde o centro do poder do Estado e partido, por sua vez coligado às instâncias norte-americanas, dominantes do capital (BESCHLOSS, 1994).

Diz Menshikov (GALBRAITH, 1988), que o projeto de Gorbachiov realizaria uma revolução. Afirmção, no mínimo, problemática, pois o próprio socialismo real, sendo uma formação específica, ao transitar a uma nova sociedade socialista (afirmação daquele autor) sob a forma de uma revolução indicaria de duas uma: nova forma histórica de socialismo, uma nova formação socialista radicalmente distinta do socialismo real, ou um retorno (negado explicitamente) ao capitalismo.

A primeira hipótese é quase impensável, dado estarmos diante da transição de uma sociedade sob controle social estatal do capital a outra, do controle social do capital sobre a reprodução social. O fato de não haver propriedade privada individual nessa nova sociedade, somente nos diz sobre o caráter do capital e não sobre a força social regente da nova sociedade. Esta, então, seria mesmo capitalista, na qual se ofereceria à classe operária a possibilidade de vir a alcançar a sua emancipação política através da Glasnost.

A revolução concebida por Gorbachiov, no dizer de Menshikov, não seria outra que não fosse uma contrarrevolução, uma restauração capitalista, como de fato ocorreu³. A noção de socialismo ficara tão elástica

³ “Elas são chamadas reformas, mas como eu já afirmei, podemos considera-las uma revolução. Não são mudanças corriqueiras na organização econômica da nova sociedade, são, pelo contrário, mudanças profundas e abrangentes. São equivalentes a uma súbita transformação revolucionária. Sua principal finalidade é libertar a economia da opressão e do domínio da burocracia e também eliminar a economia paralela e os diferentes tipos de corrupção e mercados negros. Assim sendo elas escancaram as portas à iniciativa pessoal e coletiva, associando-as às vantagens de um planejamento centralizado” (GALBRAITH, 1988, p. 41).

que a expansão do controle do capital sobre a reprodução social proposta por ele em etapa tão mais avançada da evolução econômica da sociedade soviética (afinal já estávamos em 1988, há 71 anos de 1917!), no seu entender, poderia evitar o capitalismo.

Destituir o controle do partido comunista e do Estado sobre a economia (e a sociedade, é evidente) para se transitar a tal nova sociedade seria, de fato, uma revolução, que só não seria capitalista caso se transitasse ao comunismo, ou seja, à expansão do controle social dos trabalhadores sobre a reprodução social, fato jamais mencionado por Menshikov em seu diálogo com Galbraith.

O personagem central dessa transição, contudo, seriam as “autoridades centrais” emergentes daquela revolução e a revolução pelo alto dessas novas autoridades, de fato, por sua vez, ao se apoiar no “mercado”, nas forças sociais aderentes a esse projeto, só poderiam mesmo restaurar o capitalismo!⁴ Não havia três alternativas, como queria Menshikov, mas simplesmente duas, a transição capitalista ou a comunista. Seria muito pertinente se perguntar ao eminente economista soviético, aproveitando suas divagações revolucionárias, sobre as razões pelas quais a transição ao comunismo deixou de ser um *crash program*, tão elogiado por ele e tão exitoso nas conquistas da economia e da sociedade soviética⁵.

⁴ “O primeiro cenário é baseado no perigo da burocracia sabotar as atuais reformas anti-burocráticas. Este cenário significaria a continuação do status quo” (GALBRAITH, 1988, p.42). “[...] O segundo cenário é uma possibilidade completamente diferente: seria um socialismo mais inteiramente de mercado. O que não significaria o restabelecimento do sistema capitalista, embora envolvesse uma participação muito mais ampla da iniciativa privada e do espírito empreendedor privado. Significaria, primeiramente, deixar a determinação dos preços inteiramente para o mercado, como você sugeriu ao discutirmos as reformas econômicas. E significaria também a introdução de um mercado livre de trabalho. Haveria maior flexibilidade na determinação dos salários, e o sistema incluiria um mercado flexível de crédito e de capital. Seria, em suma, um socialismo com a total ausência de um planejamento central” (GALBRAITH, 1988, p. 123-124). “O terceiro cenário é o que eu poderia chamar de um verdadeiro centralismo democrático. Isso significaria uma combinação das melhores características do planejamento central com as melhores e menos nocivas características do mercado, fazendo o melhor uso de todas elas” (GALBRAITH, 1988, p. 126). “Eu gostaria de resumir e dizer que existem muitos setores da microeconomia em que o socialismo precisa aprender, e depressa, com o capitalismo – com a iniciativa privada, com o mercado. Se conseguirmos isso, então, combinando os aspectos menos nocivos do mercado e da iniciativa privada com as vantagens aos níveis social e macroeconômico inerentes a um sistema planejado, nós talvez nos saíamos melhor que o capitalismo. Este é o cenário que eu prefiro para a sociedade socialista” (GALBRAITH, 1988, p. 134). “O que eu estou sugerindo que irá acontecer na União Soviética é que as autoridades econômicas centrais terão a responsabilidade de organizarem as empresas de modo mais eficiente” (GALBRAITH, 1988, p. 130).

⁵ “[...] a União Soviética, tecnologicamente atrasada em vários outros aspectos, foi extremamente avançada tecnologicamente naqueles setores específicos em que conseguiu se organizar em *crash groups* e *crash programs*”

6 O FIM DA URSS. A OPERAÇÃO FINAL

Então uma longa e arduosa operação política sob o comando da KGB colocará Gorbachev no centro do poder por meio da criação deliberada do caos social. Desfaz-se, assim, o complexo dos desesperados, o Estado, o partido e a classe trabalhadora. Naufragado no tsunami capitalista. O trem do socialismo real chegara à sua última estação, bem distante da estação Finlândia. As três correntes ideológicas do pós socialismo real: a da desgraça mítica da mãe Rússia, a dos filhos da grande pátria de Stálin e a dos órfãos do comunismo, todas elas representadas por seus heróis humilhados e ofendidos, iniciam seu grande e imprevisível trânsito a um novo futuro.

REFERÊNCIAS

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O fim do homem soviético*. São Paulo: Cia das Letras, 2017a.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil*. São Paulo: Cia das Letras, 2017b.
- BESCHLOSS, Michael R.; STROBE, Talbott. *At the Highest Levels: the inside story of the end of the cold war*. NY: Paperback, Mar. 1994.
- BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FEDORENKO, N. P. (org.). *Stanovlenie i razvitie ekonomicheskoi nauki v SSSR*. Moskva: Nauka, 1976.
- GALBRAITH, John Kenneth; MENSNIKOV, Serguei. *Capitalismo, comunismo, coexistência: de um passado amargo a esperanças melhores*. São Paulo: Pioneira, 1988.
- HOBSBAWN, Eric. *The age of extremes: a history of the world, 1914-1991*. New York: Vintage books, 1996.
- KOSLOV, G. (org.). *Economia Política. Socialismo*. Moscú: Progreso, 1977.
- KRONROD, Iakov; ZAKON, Abramovitch. *Stoimosti i sotsialisticheskaiia ekonomika*. Moskva: Nauka, 1976.
- LENIN, Vladimir Ulianov. *Gossudarstvo i revoliutsia*. Moskva: IPL, 1978.
- LENIN, Vladimir Ulianov. *Otcherednie zadatchi sovietskoi vlasti*. Moskva: IPL, 1977.
- MARX, Karl. *Kritika Gotskoi Programmi*. Moskva: IPL, 1975.

(GALBRAITH, 1988, p. 133).

- NOIRIEL, Gérard *Qu'est-ce que l'histoire contemporaine?* Paris: Hachette, 1988.
- OIZERMAN, Teodor Ilitch. *Opravdanie revisionism.* Moskva: Kanon, 2005.
- SÈVE, Lucien. Prefácio. *In:* LIMA FILHO, Paulo Alves; NOVAES, Henrique Tahan; MACEDO, Rogerio Fernandes. *Movimentos Sociais e Crises Contemporâneas à luz dos clássicos do materialismo crítico.* Uberlândia: Navegando, 2017. p. 7-11.